

DESENGANO DE CANTADOR

Cantador que vem da morte,
 Quando se põe a lembrar,
 Não sei se sente conforto,
 Se tem prazer ou pesar,
 Mas de visita aos amigos
 Tem muita cousa a contar.

No sertão, onde eu morava,
 Guardava o que mais queria:
 Plantação de jitimum,
 De cana e de melancia,
 Lavoura cercando o engenho
 E casa na freguesia.

Trazia minha mulher
 Toda enfeitada de fita,
 De filhos, tinha uma dupla
 Que nunca vi tão bonita;
 Em casa, tinha oratório
 Em honra de Santa Rita.

Mantinha dinheiro em cofre,
 Barra de ouro e dobrão,
 Meu grande anel com brilhante
 Não me saía da mão;
 Tinha caçamba de prata
 Em meu cavalo alazão.

Para mim, todo mendigo
 Parecia muquirana,
 Carregava sempre aceso
 O meu charuto de Havana;
 Merenda de minha mesa
 Era feita em porcelana.

Do meu alpendre florido,
 Sentado num canapé,
 Negava comida aos pobres
 Mesmo que fosse a coité;
 Para criança andrajosa
 Tinha grito e pontapé.

Tempo chega, tempo passa,
 Em certo dia agourento,
 Chegou a Morte e me disse:
 — Patrão, não seja birrento,
 Não me recuse o serviço
 Que é chegado o seu momento.

O choque me derrubou,
 A cabeça ficou fria,
 Caí num sono danado
 No qual nem sonho sentia;
 Minha prosa terminara,
 Acabou-se a valentia.

Quando acordei, de repente,
 Estava num catre estreito,
 Ninguém velava comigo
 A dor que eu tinha no peito;
 A idéia é que me acusava
 Por tudo o que havia feito.

Depois de clamar por Deus,
 Fazendo grande alarido,
 A registrar um cansaço
 Que nunca havia sentido,
 Enfermeiros me trataram
 Por doente desvalido.

Transcorrido muito tempo,
 De memória aberta em brasa,
 Lembrando em minha fraqueza
 Um tico-tico sem asa,
 Chorei igual a um menino,
 Pedindo regresso à casa.

Voltei, mas tudo mudara
 Para meu rude tormento,
 Minha mulher tinha outros,
 Fugindo de casamento,
 Meus filhos me detestavam
 Por causa de testamento.

A casa que eu construía
 Era tapera sem trato,
 Minha lavoura de engenho
 Sumira, dentro do mato;
 Meu nome era ponto certo
 Para surra e desacato.

Por fim, chorei sem remédio;
 Ali não tinha mais vez
 E afastei-me compreendendo,
 Com medonha lucidez,
 Que a gente colhe no mundo
 É a vida que a gente fez.

Conto aqui a minha história
 A quem possa acreditar;
 A quem não possa, desejo
 As bênçãos que Deus mandar,
 Porque a morte vem a todos
 Sem distinção de lugar.

Adoto nome trocado
 E assino como convém;
 Sei que a vaidade da Terra
 Não tem valor de um vintém,
 Mas tenho amigos no mundo,
 Não quero ferir ninguém.

JOAQUIM SERRA